



Flávio conquista apoio e vai buscar alianças

Vencedor do primeiro turno, candidato do PL recebe respaldo de Zema e Caiado e tenta atrair outros derrotados, além de partidos e governadores. Presidenciável conta com Tarcísio para ampliar presença nas ruas e fortalecer a campanha

» DANANDRA ROCHA
» MARIA BEATRIZ GIUSTI

A diferença, inferior a dois pontos percentuais, na vitória do senador Flávio Bolsonaro (PL) sobre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no primeiro turno, abriu uma nova disputa pela transferência dos votos dos candidatos que ficaram pelo caminho. Entre eles estão Ronaldo Caiado (PSD-GO), Romeu Zema (Novo), Augusto Cury (Avante) e Renan Santos (Missão).

Nos bastidores, interlocutores da campanha de Flávio afirmam ao **Correio** que a busca por alianças será uma das prioridades ao longo desta semana. A equipe também trabalha para ampliar a presença dele em eventos públicos, com uma agenda de carreatas e motocicletas inspirada na estratégia utilizada pelo ex-presidente Jair Bolsonaro(PL).

A intenção é fazer uma campanha mais presente nas ruas durante as três semanas que antecedem a votação de 25 de outubro. A avaliação dentro do grupo é de que a mobilização precisa alcançar diferentes regiões.

A aproximação com os candidatos derrotados ocorre em ritmos diferentes. Ontem, Zema declarou apoiar Flávio. “Não vou me omitir nem ficar em cima do muro nesse momento tão importante. Voto contra o PT. Voto no Flávio Bolsonaro. O Brasil não aguenta mais quatro anos de Lula, nem mais quatro ministros nomeados pelo Lula. Estamos juntos no dia 25”, afirmou.

Caiado, por sua vez, deve oficializar hoje, em Goiânia, o apoio a Flávio. O PSD, porém, decidiu permanecer neutro nacionalmente e

Vittor Sales



A força que o PL conquistou no Legislativo é um dos argumentos utilizados por Flávio para atrair mais apoios na reta final de campanha

liberou seus diretórios estaduais para definir individualmente quem apoiar. Já Cury e Renan Santos mantiveram, inicialmente, uma posição de não declarar apoio a nenhum dos dois candidatos. Renan afirmou que não apoiará Lula nem Flávio.

Outra frente está no Centrão. PP e União Brasil caminham para apoiar Flávio e devem discutir formalmente a posição hoje. Como as duas legendas integram uma federação partidária, a decisão precisa ser tomada em conjunto. O movimento é acompanhado de perto pela campanha

porque amplia o apoio partidário em torno do candidato do PL e pode ter reflexos também na formação de uma eventual base no Congresso.

A força que o PL conquistou no Legislativo é, inclusive, um dos argumentos utilizados por Flávio nesta nova etapa. O partido elegeu 121 deputados federais e 19 senadores, e o candidato passou a apresentar o resultado como sinal de que teria condições de dialogar com o Congresso caso seja eleito.

“O Legislativo federal está configurado para um presidente como Flávio Bolsonaro”, escreveu

nas redes sociais. Ao defender uma atuação conjunta entre União, estados e municípios, afirmou: “Faço o compromisso de sempre colocar o povo acima de qualquer questão partidária, pois, por exemplo, o combate efetivo ao narcoterrorismo tem que ser feito em conjunto com governadores e prefeitos”.

A composição, no entanto, não garante maioria automática ao PL. União Brasil, PP, Republicanos, PSD e MDB continuarão tendo peso nas negociações do Legislativo.

É nesse cenário que entra o governador de São Paulo, Tarcísio

de Freitas (Republicanos). Reeleito para comandar o estado, com 62,65% dos votos válidos, ele se reunirá hoje com Flávio para discutir a campanha. O encontro era esperado para ontem.

A participação do governador deverá ir além do apoio público. Segundo um integrante de sua equipe ouvido pelo **Correio**, Tarcísio pode ceder integrantes de sua estrutura para a mobilização. A atuação também pode alcançar a articulação partidária. O governador afirmou ontem que trabalhará para que o Republicanos apoie Flávio. A legenda, contudo,



Nós sabemos que não há nada ganho ainda. Estamos confiantes, como estávamos no primeiro turno, mas entendendo que é necessário agora atrair aqueles que não votaram em nós no primeiro turno. A campanha, para nós, vai começar na sexta-feira”

Rogério Marinho, senador e coordenador da campanha de Flávio Bolsonaro

ainda convive com posições diferentes entre suas principais lideranças. O governador defende publicamente o candidato do PL, enquanto o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), declarou apoio a Lula.

A articulação política também ganhou um novo personagem. Ontem, o ex-presidente Michel Temer (MDB) declarou apoio a Flávio no segundo turno. Em publicação nas redes sociais, afirmou que a sociedade quer “novas ideias, novas atitudes, novos projetos e um caminho diferente” e concluiu: “E conexão é Flávio”.

Debates com rival e agenda nas ruas

» FERNANDA STRICKLAND
» RAPHAELA PEIXOTO
» ARMANDO HOLANDA

A campanha do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) prepara uma estratégia mais voltada ao confronto direto com Flávio Bolsonaro no segundo turno das eleições de 2026. O petista deve participar dos principais debates e ampliar a agenda de rua nos estados onde haverá nova votação.

Segundo uma fonte da campanha, Lula não participou dos debates do primeiro turno porque questionava o formato dos encontros. Agora, a avaliação é de que o segundo turno oferece condições para uma disputa mais direta, no modelo “tête-à-tête”.

O objetivo também é reforçar a comparação entre Lula e Flávio. Soberania nacional e terras raras devem permanecer entre os temas explorados. A previsão é de que o presidente grave hoje novos materiais para a propaganda eleitoral e tenha uma outra reunião.

Outra fonte afirma que o presidente terá uma agenda mais intensa nas ruas, com foco no

contato direto com eleitores. A previsão é de que viaje aos estados que terão segundo turno, além do Distrito Federal.

O chefe do Executivo se reuniu, ontem, em um hotel de Brasília, com ministros e outras autoridades para discutir a campanha do segundo turno. Um dos desafios é recuperar o interesse de cerca de 30 milhões de eleitores que não compareceram às urnas.

“São 30 milhões de pessoas que não foram votar”, afirmou. “Possivelmente tem uma causa: desinteresse. E a responsabilidade é nossa. É devolver o interesse para ele participar do processo eleitoral”, frisou.

Lula defendeu que a campanha não concentre esforços apenas em apontar erros cometidos pelos adversários. Segundo ele, o foco deve estar na identificação das falhas da própria campanha e na capacidade de corrigir rapidamente os problemas. “A gente não tem que ficar procurando defeito que os outros cometeram, que pode ter nos prejudicado. Nós temos que procurar o que nós não fizemos corretamente”, disse.

De acordo com o presidente

Minervino Junior CB/DA Press



nacional do PT, Edinho Silva, o segundo turno será marcado pelo embate de projetos apresentados por Lula e Flávio. “O segundo turno é uma outra eleição. Nós sabemos que é uma eleição de confronto direto de projetos”, afirmou.

Ao comentar o adversário de Lula, Edinho fez críticas à atuação política do senador e afirmou que ele representa um projeto que,

segundo o dirigente petista, possui relações com milícias do Rio de Janeiro. Edinho também mencionou a divulgação de áudios e mensagens de ligações do presidenciável com o dono do Banco Master, Daniel Vorcara. “Está muito claro o que o Flávio Bolsonaro representa”, disse.

O núcleo político da candidatura também começou a refazer

as contas sobre onde buscar votos e colocou no radar não apenas os eleitores de Augusto Cury (Avante) e Renan Santos (Missão), mas também dois públicos considerados estratégicos: jovens e idosos.

A ordem agora é recalcular a rota. Integrantes da campanha avaliam que o desempenho nas urnas exige uma estratégia mais agressiva de expansão, com

Lula durante reunião de coordenação: “Nós temos que procurar o que nós não fizemos corretamente”

movimentos capazes de alcançar segmentos que resistiram ao petista no primeiro turno. A leitura é de que não bastará mobilizar a base tradicional de Lula.

Nesse desenho, o presidente pretende investir simultaneamente uma linguagem capaz de ampliar a conexão de Lula com os mais novos, sobretudo a partir de temas econômicos, emprego, educação e perspectivas de futuro. A estratégia tende a combinar presença nas ruas com uma ofensiva nas redes sociais, terreno considerado decisivo para alcançar esse eleitorado.